

Afreudite – Ano VI, 2010 – n.º 11/12  
pp. 25-30

## Monoparentalidade no feminino

*Alexandra Lúcio-Salvador<sup>1</sup>*

Vivemos numa sociedade em que o papel da mãe e do pai parecem confundir-se. Já não se reconhecem as funções de um e do outro. Um pai em casa que materna, muda as fraldas... um mãe que vai trabalhar e fica horas fora de casa.

O movimento feminista veio revolucionar as coisas. As mulheres deixaram de se identificar apenas como esposas e mães. Com a primeira Guerra Mundial, elas tiveram que se orientar sem os homens, que combatiam na frente do conflito. Por falta de mão-de-obra, começaram a trabalhar e a contribuir para a economia da sociedade. A revolução industrial já tinha dado início a uma certa emancipação através da preocupação social, da reivindicação do direito ao voto, ao ensino básico e depois ao ensino superior e, conseqüentemente, a uma carreira.

Hoje apercebemo-nos que as mulheres são mães cada vez mais tarde, porque colocam os estudos e a carreira no topo das suas prioridades, e só depois vem a ideia do casamento e eventualmente a vinda de filhos, sempre com a opção de não terem filhos... e mesmo quando os têm, isso não as preenche o suficiente para abandonarem a carreira. Querem ser mulher, mãe, avó, não abdicando da profissão que escolheram exercer e se possível com uma vida amorosa bem preenchida. Cada vez mais a mulher é *pas-toute*, não toda mulher, não toda mãe.

Estas conquistas femininas vieram transformar a sociedade de forma radical, trazendo novas formas sintomáticas ao romance familiar. Assim a característica fundamental da família actual manifesta-se na queda da função paterna, ou pelo menos pela perda da sua força original.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica, membro da Antena do Campo Freudiano – Portugal.

«Desde há muito que se fala de uma queda do poder paterno. Antes, era óbvio que o pai não era a mãe, não tinha a sua anatomia, não desempenhava o mesmo papel na família e na sociedade, nem acarinhava da mesma maneira. Mas agora a sociedade pede cada vez mais aos homens que desempenham papéis tradicionalmente femininos, como o de cuidar do lar e das crianças. (...) Há quem pense que tudo isto só pode gerar a confusão dos sexos, a falta de limites e a consequente dissolução dos direitos e deveres dos pais; ou, ainda, que não é por acaso que seja neste século sem Deus nem Pai que surjam novos sintomas como o «stress» e a «depressão».»<sup>2</sup>

Actualmente as mulheres têm nas suas mãos o poder da autonomia e da independência. Os homens tornaram-se acessórios. Já não as sustentam e tornaram-se quase obsoletos quanto à procriação. Sabemos o quanto a medicina fez progressos nesse sentido através da procriação assistida em que o papel do homem, pai, é diminuído e até mesmo apagado.

É neste contexto que vemos surgir cada vez mais famílias monoparentais. Assim é sobre a monoparentalidade feminina que recaiu o tema desta intervenção. Porquê este tema? Porque é o que surge cada vez mais aos técnicos do terreno que trabalham directamente com as famílias e até àqueles que recebem em gabinete, os psicanalistas. Esta realidade toca todos os estratos sociais e pode ser devastadora em todos sem excepção.

Para exemplificar este tema foram escolhidos dois excertos de um filme de 1998, *Central do Brasil* de Walter Salles.

Trata-se da história de um menino que nunca conheceu o pai se não através das palavras da mãe. Quando a mãe morre e fica sozinho convence uma escritã pública solteirona, amarga e envelhecida a acompanhá-lo na busca desse pai que ele não conheceu mas que vive no imaginário dele de forma tão intensa. Ao perder a mãe, a vontade de conhecer o pai, desejo que partilhou e recebeu da mãe ela própria já cansada de estar sozinha, esse desejo passa a ser o objectivo único da criança.

---

<sup>2</sup> MARTINHO, J. (2006) «Paternidade e Psicanálise em Portugal». Revista Afreudite nº3/4, 99-105, Lisboa.

O primeiro excerto apresenta o menino e a mãe a ditarem à escritã uma carta ao pai. Carta em que a mãe revela que o filho o quer conhecer e que ela nem percebe bem porquê, pois ele abandonou-os. O conteúdo da carta é reivindicativo.

O segundo excerto apresenta o menino e a mãe no dia seguinte a ditarem outra carta ao pai. A mãe pede que a outra carta não seja enviada e dita outra cujo conteúdo é mais convidativo e pede para que o pai se encontre com o filho. Ao saírem da estação onde a escritã pública trabalha, a estação central, a mãe é atropelada e o menino fica só.

O que move esta criança, arrastando com ela uma mulher com poucas ilusões pelos caminhos do interior brasileiro, é a busca do pai que nunca viu, que nunca conheceu fisicamente. A mãe resumia o mundo desta criança. Nas palavras da mãe e no que ela lhe contou, às vezes coisas boas (última carta que ela dita) e às vezes coisas menos boas (primeira carta que ela dita) o miúdo identificou uma família, um pai e os irmãos.

O que é que leva esta criança nesta busca? Encontrar a mãe no imaginário do pai? Encontrar a mãe nas lembranças dos irmãos? Encontrar uma família?

O rapaz vai à procura do seu lugar na família e no tecido social. Vai à procura de referências familiares e sociais para continuar a crescer.

No filme este pai, presente no imaginário da mãe, pelo qual ela ainda nutre um afecto forte, está mais presente do que qualquer figura paterna (um namorado, um tio, um avô). Este filme exemplifica de uma forma magistral a função do pai, aquele que impede o investimento amoroso da criança em relação à mãe e impede que a criança se torne objecto do capricho materno.

O pai, segundo a teoria lacaniana, não é considerado uma pessoa. É uma autoridade, a origem da autoridade, uma função que permite que se realizem operações indispensáveis ao equilíbrio de um sujeito.

Resumindo de forma simples, o papel do pai divide-se em 3 funções:

Com a introdução do pai o filho apreende que não está sozinho com a mãe.

Interdita a mãe ao filho. Priva a mãe do seu filho, na condição que a palavra dele, do pai, seja aceite pela mãe.

«Mas, o ponto em que queremos insistir é que não é unicamente da maneira como a mãe se arranja com a pessoa do pai que convém nos ocuparmos, mas da importância que ela dá à palavra dele – digamos com clareza, a sua autoridade -, ou, em outras palavras, do lugar que ela reserva ao Nome-do-pai na promoção da lei»<sup>3</sup> (Lacan, p. 585).

Na última fase do seu ensino encontramos a seguinte afirmação «um pai só tem direito ao respeito e ao amor se o seu desejo é orientado para uma mulher, mulher essa que ele faz a causa do seu desejo».

Autoriza o saber, o acesso ao saber. Abre o acesso à promessa que o futuro representa. Abre o acesso ao relacionamento com o Outro. A criança passa de uma relação dual a uma relação ternária, logo permite relacionar-se com o Outro a uma escolha de objecto que não seja a mãe ou o pai.

«A família é o elo que prende o sujeito ao tecido social (...) Neste ponto ainda somos herdeiros da psicanálise. A psicanálise, e em particular Jacques Lacan, preocupou-se em mostrar como é que uma criança encontrava o seu lugar na família e como é que as diversas modalidades de encontro com a mãe, o pai, os irmãos condicionavam, moldavam as relações sociais que o sujeito mantinha com os seus pares, superiores e o Outro sexo.»<sup>4</sup>

Nas famílias monoparentais actuais nem sempre temos uma mãe como a Ana. Na maioria das vezes temos uma mãe que não fala do pai, ou então, temos uma mãe que apenas quis ser mãe sem qualquer intervenção de um pai e sem que haja lugar para a função paterna. Estamos muitas vezes perante uma família, em que a criança é objecto de gozo, não lhe sendo reconhecida a sua singularidade.

---

<sup>3</sup> LACAN, J. (1955-56). «Secretários do alienado». In: O Seminário - Livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

<sup>4</sup> ROY, D. (2009) «Famílias modernas, sofrimentos modernos». Revista «Afreudite» nº9/10 , 10-24, Lisboa.

Daí que a psicanálise se tenha cada vez mais deparado com uma sintomatologia que já não passa pelos recursos da metáfora paterna, mas pela abordagem do real do gozo. A nova orientação clínica passaria assim por fazer com que o gozo adopte uma forma sintomática.

Podemos falar aqui do caso do pequeno Victor<sup>5</sup>. Caso descrito na revista «La Petite Girafe», se faire une Famille. Resumindo o artigo, vai ser uma falha no Outro-mãe que vai permitir ao menino, com a intervenção do psicanalista, criar uma disjunção entre a mãe e ele. Sem o Nome do Pai standard, mas com uma construção singular do gozo dele próprio. No início as palavras, a fala revelam ser ineficazes.

A mãe não sabia contar muito bem, e o pequeno vai agarrar nisso e criar uma fórmula mágica com palavras e números e criar todo um jogo a partir do qual vai ser possível criar a distância necessária, para conseguir singularizar o seu próprio gozo.

Neste momento temos o desafio de tornar sintomático o gozo de uma mãe que ainda dorme com o filho de 12 anos e que descreve o quarto dela como “o nosso ninho” referindo-se a ela e ao filho. O pai está presente fisicamente mas é completamente apagado na sua função paterna e no seu papel como marido. Estamos perante uma família nuclear que de uma certa forma tem no seu seio uma família monoparental em que o menino é objecto de capricho da mãe e em que o pai anulado no seu papel manifesta o seu mau estar e o disfuncionamento da família rivalizando com o filho através da violência verbal e física.

Esperemos que através da proposta de um processo da palavra, da fala, esta família possa sair de um processo de marginalização. Processo que de uma certa forma já se iniciou com o menino na escola. A nota positiva é que geralmente a solução está lá. Basta estar atento.

É uma situação cuja intervenção está no início mas queria aqui deixá-lo como exemplo dos muitos desafios de quem trabalha no terreno com famílias.

---

<sup>5</sup> GUILLAUME, G. (2006) «J'ai mal à mes chaussettes». La Petite Girafe. Éditions AGALMA. Octobre 2006. 81-83, Nantes.

As famílias monoparentais, reconstituídas, multiproblemáticas, nucleares (ainda as há) com todas as suas características próprias continuam ainda assim «o lugar por excelência da intimidade e o elo que prende o sujeito ao social».

É nessa intimidade e na promessa do advir do sujeito social que devemos trabalhar não nos deixando apenas guiar e orientar pelas nossas crenças, ideais e modelos não caindo na interpretação e no sentido, mas reduzindo o sintoma à sua repetição para distinguir nessa mesma repetição o que ela tenta evitar.